

A problemática da droga no telejornalismo brasileiro – uma análise da série de reportagens “O avanço da maconha” do Jornal da Band¹

Liva FERNANDES²

Universidade Federal de Minas Gerais, MG

Resumo

A proposta do presente trabalho é compreender como a problemática da droga é construída no telejornalismo brasileiro. Nosso objeto de pesquisa a série de reportagens do O Avanço da maconha, produzida pelo Jornal da Band (abril/2014). A partir da análise estilística, conforme proposta por Buttler (2010), pretendemos identificar como arranjos de som e imagem ajudaram a construir uma representação dessa temática que ganhou o Prêmio Esso de Telejornalismo.

Palavras-chave: Séries de reportagens; Estilo televisivo; Drogas; Jornal da Band.

Texto do Trabalho

A proposta do presente trabalho é compreender como a problemática da droga é construída no telejornalismo brasileiro. Nosso objeto de pesquisa é a série de reportagens *O Avanço da maconha*, produzida pelo *Jornal da Band* (abril/2014)³. O nosso interesse em olhar para a TV, mais especificamente para o telejornalismo, é porque acreditamos que esse seja um lugar relevante, no qual temáticas culturais, sociais e políticas são construídas, emitidas e reverberadas. Não atentamos para nosso objeto a partir de uma visão meramente funcionalista, cuja ênfase se constitui a partir do poder do emissor. Mas olhamos para a TV a partir de uma perspectiva cultural.

A televisão nesse ponto de vista se apresenta como um meio complexo, que articula aspectos formais e culturais resultados de uma “homeostase” (FRANÇA, 2009), ou seja, um espaço no qual há relações de mútua afetação, onde se podem encontrar marcas tanto da produção televisiva quanto de seu público, pois este é um lugar de trocas simbólicas. Olhamos para a televisão como um lugar de mediação, tanto histórica que dota o meio de sentido e alcance social, quanto como mediadora de uma complexidade social e perceptiva que os meios assumem na atualidade (MARTÍN-BARBERO, 2009).

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação do PPGCOM-UFMG, email: liviafoli@yahoo.com.br.

³ Esse trabalho faz parte de um projeto de pesquisa maior em desenvolvimento no doutorado que visa compreender como as séries de reportagens telejornalísticas se configuram em um subgênero do telejornalismo marcado pelo infodrama. Nosso foco são séries que retratam a temática da droga no Brasil.

A atuação da TV em nossas vidas se constitui a partir das significações que seus produtos nos permitem vivenciar diante da tela. Os telespectadores perante as emissões televisivas as recebem, interpreta e as ressignifica, de acordo com sua experiência social. Assim, acreditamos que os produtos televisivos são um dos lugares importantes nos quais os sentidos são produzidos e os processos políticos, históricos e sociais são articulados. Por isso nos esforçamos em estudar suas produções a fim de compreender como seus textos são construídos e que marcas culturais eles nos fornecem.

O telejornalismo na sociedade brasileira

Um dos mais destacados produtos televisivos que ocupa centralidade na sociedade brasileira como meio de informação é o telejornalismo. Esse gênero televisivo é visto aqui como uma construção social, marcada por aspectos históricos, tecnológicos, políticos, econômicos e culturais (BECKER, BUSTAMANTE, 2009; COUTINHO, 2012). Para Vizeu e Correio (2008), o telejornalismo se constitui como um lugar de referência semelhante ao da família, escola, religião e consumo, ou seja, ele se torna um lugar importante na construção social da realidade brasileira.

Os telejornais, segundo Becker e Bustamante (2009), fornecem janelas cruciais e laboratórios de pesquisa para compreensão de determinada sociedade, são representações que contribuem na construção da realidade, pois funcionam como um meio, no qual identidades sociais e nacionais são expressas e constituídas. O jornalismo televisivo seria um lugar de mediação, que não apenas transmite, mas prepara e visa apresentar e interpretar uma realidade social construída a partir das regras do campo jornalístico, organizando o cotidiano e tornando mais acessível o entorno que nos cerca (VIZEU, 2009, p. 77).

As séries de reportagens se constituem como um subgênero telejornalístico. Essas são reportagens especiais oferecidas em capítulos ao longo da semana de um telejornal. Segundo Coutinho (2008, p. 4), "este tipo de material jornalístico, se aproximaria de uma espécie de novela informativa, em que cada capítulo possibilitaria o aprofundamento de um tema ou aspecto da realidade retratado na TV". A serialização das reportagens permitiria ao telespectador ter uma visão ampliada dos assuntos abordados, uma vez que estas são apresentadas durante toda uma semana sobre uma mesma temática, com duração média de três a seis minutos diários. (ROCHA, ALBURQUEQUE E OLIVEIRA, 2008). Desta forma, ao telespectador seriam oferecidas informações de forma aprofundada e contextualizada, com a possibilidade de apreender diferentes pontos de vista sobre uma

mesma temática, permitindo ao público o exercício de síntese e interpretação da realidade compartilhada na TV.

E essa parece ser a proposta do *Jornal da Band (JB)*. Em sua descrição no site da emissora o noticiário promete fornecer ao público: “os principais fatos do Brasil e do mundo relatados com imparcialidade e *profundidade*” ⁴(*grifo nosso*). O telejornal é o principal da *Rede Bandeirantes*, transmitido de segunda a sábado das 19h20 às 20h25. É um dos noticiários que mais investem nas produções seriadas, nos anos de 2013 e 2014 foram exibidas ao todo 34 séries de reportagens.

O nosso foco se volta para a série *O avanço da maconha*, exibida entre os dias 7 e 12 de abril de 2014, assinada pelo repórter Fábio Pannnzzio. A escolha se deve ao fato desta ter ganhado o *Prêmio Esso Especial de Telejornalismo*⁵ de 2014. Segundo Robson Dias (2013, p. 120), a visibilidade que as instituições jornalísticas dão aos prêmios, conquistados por seus repórteres e empregados, é uma questão de agregar valor ao produto vencedor. Os prêmios teriam o poder de validar o que seria um êxito ou fracasso, um bom ou um mau jornalismo. Dessa forma, buscaremos identificar que marcas fizeram com que essa produção ganhasse o prêmio de maior destaque no telejornalismo brasileiro.

Outra justificativa para nossa escolha se deve ao fato dessa ser a série que nos últimos anos trabalhou a temática da droga no *JB*. Essa problemática se faz relevante para nossa pesquisa, pois a droga é uma questão importante e complexa que interessa não só a sociedade brasileira, mas que perpassa por toda a América Latina. Para Gil e Ferreira (2008), a droga em nossa região é mais que uma questão de segurança pública e saúde, pois envolve especificidades culturais das nações latino-americanas. “Para o bem e para o mal, as “drogas” são e estão na cultura. Ou melhor, nas culturas e, portanto, não podem ser entendidas fora delas” (GIL & FERREIRA, 2008, p. 11). Por isso decidimos olhar para essa questão cultural a partir de um produto também cultural.

Análise do estilo: por uma olhar cultural da TV

Jeremy Butler concebe o estilo televisivo como sendo qualquer padrão técnico de som-imagem que sirva a uma função dentro do texto da TV. O autor se inspira em David Bordwell (2008), um estudioso da história do estilo no cinema, que considera o estilo como

⁴ <http://www.band.uol.com.br/tv/programacao.asp?local=sp&data=30/04/2015>, acessado em 28 de abril de 2015.

⁵ O Prêmio Esso de Jornalismo, criado em 1955, é um dos mais tradicionais e disputados programas de reconhecimento de mérito dos profissionais de imprensa no Brasil. Desde 2000 o programa criou a categoria Prêmio Esso de Telejornalismo para premiar o melhor trabalho jornalístico de televisão. Mais informações estão disponíveis no site: <http://www.premioesso.com.br>, acessado em 29 de abril de 2015.

a textura tangível de um filme, a superfície perceptual que encontramos enquanto vemos e ouvimos. Esta superfície se constitui pela relação som-imagem das produções televisivas, que podem ser percebidas, pelo enquadramento e edições das imagens, uso de recursos visuais, sons, e pelo direcionamento da mensagem. Essa concepção acredita que toda produção televisiva é dotada de estilo e reforça que esse é um aspecto importante na produção de sentidos em produtos midiáticos.

Butler propõe o estudo do estilo televisivo a partir de quatro abordagens: descritiva, analítica, avaliativa e histórica. A primeira não é uma mera descrição de técnicas em tomadas individuais, mas uma questão de localizá-las em contextos mais amplos, o que inclui códigos técnicos e valores culturais. O autor afirma que é preciso uma "engenharia invertida" dos textos da mídia, para a compreensão plena do seu estilo. A descrição permite, desta forma, entender o funcionamento da televisão como um sistema de signos, construído nos mínimos detalhes por seus idealizadores. É o ponto de partida para a etapa analítica.

A abordagem de análise visa compreender a função que o estilo exerce dentro do texto, a partir de proposições estilísticas explícitas ou implícitas. O analista investiga o funcionamento do estilo dentro do sistema textual – buscando padrões de elementos estilísticos e as relações entre os próprios padrões.

A terceira etapa envolve uma perspectiva estética avaliativa do meio televisivo. Segundo Butler, essa é difícil de ser realizada uma vez que até hoje os estudiosos da estética da televisão não têm sistematicamente definidas as normas estéticas de avaliação do meio.

A abordagem histórica do estilo, segundo o autor, permite compreender a existência do estilo em meio à interseção de padrões econômicos, tecnológicos, industriais e códigos semióticos/estéticos; e cada um desses elementos tem sua própria história semi-independente. O recuo histórico permite assim ao pesquisador abarcar que os elementos do estilo estão localizados culturalmente.

Assim, Butler não só argumenta a importância do estilo televisivo para estudos do meio, mas auxilia na operacionalização da análise estilística. Em nosso caso, realizaremos duas das quatro abordagens propostas: a descritiva e analítica. Não realizamos a análise histórica, pois nosso objetivo não é analisar uma evolução do subgênero, mas como ele se configura na atualidade nos telejornais brasileiros; também não nos dedicaremos à abordagem avaliativa, porque o próprio autor a considera problemática.

Em nossa descrição estilística vamos identificar quais elementos foram escolhidos para construir uma representação sobre a temática da maconha no Brasil. Nosso foco são os

seguintes aspectos de construção da notícia: enquadramento de câmera, recursos visuais e cenários que acometem a ação dos diferentes atores que ganham visibilidade nas matérias, também observamos a atuação dos repórteres e os recursos visuais como infográficos, mapas e dados que ganham destaque na tela.

Análise: em foco *O avanço da maconha*

A série *O avanço da maconha* contou com seis episódios. As matérias ao todo somam 40 minutos e 48 segundos de reportagem. Na apresentação do primeiro capítulo o âncora do telejornal, Ricardo Boechat, aponta o objetivo da produção: tratar da polêmica que envolve a questão da legalização da maconha no Brasil.

A série se foca na questão política, a partir de diferentes aspectos, em que está envolvido o debate sobre a legalização ou não da maconha no Brasil. O primeiro capítulo da série apresenta dados históricos da erva no Brasil, e números que relacionam a maconha com o tráfico de drogas no país; no segundo capítulo a ênfase é o drama dos pacientes que usam a *Cannabis* para tratamento de doenças graves; no terceiro episódio o destaque é para a legalização da droga no Uruguai e como essa determinação pode afetar a fronteira com o Brasil; o aspecto econômico que envolve a legalização é a abordagem do quarto capítulo; no penúltimo o enfoque é como o tema é debatido na política brasileira atual; e a série se encerra com uma entrevista na casa de José Mujica, presidente do Uruguai, que revela como enfrentou a opinião pública para tratar dessa temática em seu país.

Já nessa apresentação sucinta da série conseguimos observar que ela traz uma discussão diferenciada sobre a maconha no Brasil. Segundo Simões (2008, p. 14), há na sociedade um discurso unilateral que representa a droga como um perigo para a saúde pessoal e coletiva e a problemática é associada, majoritariamente, à criminalidade e violência urbana. Esse discurso também é fomentado pela mídia brasileira. Goulart (2011) afirma que a cobertura midiática sobre drogas, como maconha e cocaína, associa essas substâncias a contextos de violência, e seus usuários são descritos, com frequência, como agressores. Dessa forma, quando observamos que a série de nossa análise propõe abordar questões relacionadas aos benefícios medicinais da *Cannabis*, o contexto econômico de lugares no qual a maconha foi legalizada e experiências de outros países que descriminalizaram a droga, revela que essa produção traz uma visão alternativa ao que a grande mídia tem apresentado com frequência. No entanto, discursos conservadores ainda estão presentes nessa narrativa seriada, pois ainda há um viés negativo quando a questão é o

consumo recreativo da droga. Observaremos como o estilo televisivo ajudou a construir os principais discursos apresentados na série.

O uso medicinal da erva

A proposta de abordar a temática da legalização da maconha a partir do uso medicinal é apresentada ao telespectador já na abertura da série de reportagens. O apresentador do telejornal Ricardo Boechat, na chamada da reportagem, faz referência ao caso de uma menina de 05 anos que tem epilepsia e conseguiu uma autorização da justiça brasileira para ser tratada com um medicamento à base de maconha. Em sua fala, o jornalista deixa claro que essa é uma abordagem que o noticiário da emissora já vem trabalhando: *“vocês viram a reportagem aqui”*. A utilização da maconha para tratar de doenças graves é apresentada sobre um viés positivo tanto do ponto de vista informativo como a partir da dramatização das histórias de vida.

Figura 2: Passagem do repórter Pannunzio em Denver



Figura 1: Médico em cenário de trabalho



Na passagem do repórter Fábio Pannunzio (figura 1), feita em Denver no Colorado, o repórter afirma: *“As pesquisas científica que vem sendo realizadas desde os anos 1970 já conseguiram afastar um pouco do joio da desinformação e do preconceito, do trigo das boas aplicações da maconha pode ter”*.

Essa afirmação é feita no momento em que o repórter fala diretamente para a câmera, enquadrado em primeiro plano (PP). De acordo com Gutmann (2012), o telejornal é um espaço no em que produções de sentido instauram-se a partir de atos de conversação, construídos por dispositivos de linguagens audiovisuais, e entre esses estão os enquadramentos de câmera. Para a autora, o PP se constitui como um dispositivo de proximidade e ênfase argumentativa, ele costuma ser usado quando se convoca a audiência para a promoção do sentido de cumplicidade. No caso da aparição de Pannunzio, em

Denver, referência de um lugar que representa progresso (pode ser ver pela escolha do cenário com prédios ao fundo da tela) o telespectador é impelido a concordar que a maconha tem boas aplicações quando se trata da questão medicinal.

O ponto de vista é construído e reforçado também pelas falas dos especialistas e pelas histórias dos personagens apresentados no segundo capítulo da série. A reportagem apresenta a dificuldade que pesquisadores brasileiros enfrentam para estudar o uso medicinal da erva. Um dos especialistas ouvido é o neurocientista Renato Malcher que alerta: *“existem pessoas sofrendo muito e esse sofrimento tem que acabar. E não usar a maconha medicinal é um crime ético do estado contra essas pessoas.”* Outra personagem autoridade no assunto é o psicofarmacologista Elisaldo Carline que defende: *“Não se justifica mais haver essa visão ideológica, ultrapassada, retrógrada, medieval condenando a maconha como erva do diabo”*.

A matéria também dá espaço para uma visão contrária a legalização da maconha mesmo em âmbito medicinal. A reportagem ouve o toxicologista Anthony Wong que afirma que o seu uso: *“Dá problemas psíquicos, problemas esquizofrênicos e outros psicóticos. Doenças cardíacas. Queremos mais um veneno social? Eu acho que não”*.

Ambos especialistas aparecem em enquadramentos também de primeiro plano e em cenário ou vestimenta que permite identificar sua posição enquanto autoridade sobre a questão medicinal (figura 2). Mas o encadeamento da matéria revela a posição do telejornal em defesa da liberação para fins de pesquisa, pois os profissionais que defendem o uso da erva do ponto de vista medicinal são colocadas em sequência, como se o depoimento final reforçasse o anterior.

As histórias de vida também visam sensibilizar o telespectador para a importância da liberação da erva para fins medicinais. A narrativa começa com imagens do documentário *Illegal*⁶, e mostram cenas em que os pais de Anny Fischer contam como traficaram a substância CBD, derivada da maconha, para o tratamento de sua filha. As imagens têm planos detalhes para evidenciar as crises epiléticas da criança e cenas emblemáticas simbolizam a luta que Katiele, mãe de Anny, teve de enfrentar para conseguir autorização a fim de tratar a filha, diante da política proibicionista no Brasil. Outra personagem é Dhalia de três anos que para vencer um câncer cerebral sua mãe a levou do estado do Tennessee para o Colorado com o objetivo de tratá-la com maconha. O uso de

⁶ Documentário brasileiro lançado em outubro de 2014, dirigido por: Raphael Erichsen e Tarso Araujo

histórias de crianças incluindo cenas em PP que revelam a luta dessas contra suas doenças são estratégias estilísticas na tentativa de sensibilizar o público (figura 3).

Outros personagens também são apresentados na série como pacientes: são brasileiros que infringem a lei para cuidarem de sua saúde. Esse é o caso do designer Gilberto Castro que faz uso da maconha para tratar de esclerose múltipla e da artista plástica Maria Antônia Goulart que admite fumar a erva como tratamento da fibromialgia, que adquiriu em consequência de um câncer. Em todos os casos relacionados ao uso medicinal, mesmo os personagens que violam a lei brasileira 11.343/2006⁷, têm suas identidades reveladas, o cenário são suas casas e apresentam ambientes familiares (figura 4). A narrativa é construída de maneira a mostrar que o direito pela saúde, a luta para vencer as graves doenças, justificam seus delitos e por isso esses ganham voz e mostram sua cara diante da tela.

Figura 4: Anny de 05 anos tomando CBD



Figura 3: Gilberto portador de esclerose múltipla



Outro importante aliado estilístico nessa narrativa científica do uso da maconha é o infográfico apresentado nesse segundo capítulo. A arte explica como os dois componentes principais derivados da maconha e utilizados para uso medicinal atuam no nosso organismo e evidencia que esses são apenas um dos elementos da planta e não sua totalidade.

Assim, percebemos que aspectos estilísticos constituem a narrativa da maconha medicinal tanto por enfatizar elementos informativos como por construir histórias dramatizadas que visam conquistar a cumplicidade do público.

Curiosidades do aspecto econômico

⁷ Essa lei instituiu o Sistema Nacional de Políticas Públicas Sobre Drogas – Sisnad e criminaliza em seu capítulo III quem adquirir, guarda ou transporta droga para consumo pessoal com penalidades que pode incluir advertência, prestação de serviços à comunidade ou medida educativa de comparecimento a programa ou curso educativo. A lei em sua íntegra está disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11343.htm, acessado em 01 de maio de 2015.

A narrativa também se pauta pelos aspectos econômicos que envolvem a legalização da maconha em outros países. A questão econômica é um elemento importante quando se aborda as questões das drogas. Segundo Alba Zaluar (2004), no tráfico a droga pode render até 500% de lucro em comparação ao preço pelo qual os traficantes adquirem a droga. Metade desse lucro vai para o dono da boca, 30% para o gerente, que faz a contabilidade, 20% para o vapor, que fica no ponto de venda distribuindo papalotes. Os aviões que são os que fazem as entregas em sua maioria não recebem salários, mas cargas para vender. O tráfico é associado à ilusão do dinheiro fácil para o jovem que se encaminha para a carreira criminosa, mas na verdade enriquece personagens que quase sempre ficam impunes e ricos: traficantes do atacado, contrabandistas, policiais corruptos e advogados sem escrúpulos (ZALUAR, 2004, p. 34). Segundo a autora, o alto lucro que o tráfico de entorpecentes gera não se dá em consequência de uma produtividade ou maior exploração de trabalho, mas da ilegalidade do empreendimento, que financia a violência para a solução dos conflitos e o contrabando de armas e drogas.

Na narrativa da série a argumentação é de que com a legalização da droga, o tráfico perde sua rentabilidade, que hoje se configura na terceira indústria mais rendosa do mundo. Um jovem americano, entrevistado em um estabelecimento que vende a erva de forma legal tanto para uso medicinal quanto para recreativo, afirma: “*Mais pessoas estão comprando de forma legal, do que de alguém nas ruas, onde você não sabe bem o que está comprando. Então, eu acho que isso realmente está acabando com os negócios dos traficantes*”.

E quem lucra com a liberação? Na matéria a sociedade ganha, porque a comercialização da maconha em mais de 500 estabelecimentos no estado do Colorado gera em torno de 20 milhões em impostos por ano. Como funciona essa produção legalizada da erva? A matéria revela ao telespectador como se dá a cultura da maconha em um tom leve, caracterizando a narrativa como um *fait divers*, um jornalismo marcado pela curiosidade, pelo extraordinário, pelo sensacional. Essa construção da produção da maconha como algo inusitado se dá por escolhas estilísticas. A passagem do jornalista nesse episódio da série se passa no que o repórter denomina de fazenda urbana. Pannunzio aparece cercado em grandes pés de maconha (figura 5), e explica que na área ficam as 70 matrizes, uma planta para cada variedade de maconha que ali é produzida.

O tom humorístico e curioso da narrativa é reforçado quando um personagem que não é identificado por nome e nem profissão, fala em espanhol direto para a tela de uma maneira inusitada e empolgante (figura 6). A legenda traduz sua alocução: “*Aqui estamos*

no lugar onde pesamos a planta. Aqui temos 716 gramas de planta fresca, natural e orgânica”.

Figura 5: Passagem na fazenda de maconha



Figura 6: Funcionário mostrando pesagem da maconha



Em seguida, o repórter aparece no meio de uma cozinha especializada em comidas feitas com maconha. A fala do jornalista mais uma vez enfatiza o caráter inusitado dos alimentos ali produzidos: *Lembra daqueles conselhos que você recebia quando era criança para ficar vigilante em relação à sua comida, para não colocarem maconha na sua bebida, no seu sanduíche? Pois é exatamente isso que esse pessoal faz aqui, colocar maconha na comida dos outros.* A maior parte desse episódio é composta com background (BG), ou som de fundo que dá ritmo a matéria, e ajuda a produzir um tom alegre na narrativa.

Observamos que a perspectiva econômica da liberação da maconha no Colorado é apresentada sobre um viés inusitado, de forma curiosa. Não são oferecidos aspectos de como a legalização afetou o tráfico de drogas e o número de empregos gerados, para além das percepções dos entrevistados, e nem as possibilidades desse exemplo ser debatido na sociedade brasileira.

Ao contrário, apesar do tom leve que a narrativa econômica é construída, a matéria finaliza com um alerta, o *off* de Pannunzio anuncia: *“Mas esta é a realidade aqui no Colorado, onde os temas que o planeta inteiro discute hoje já não estão mais em pauta”.* Essa fala revela que essa realidade nos EUA está longe do que vivenciamos no Brasil. Problemas que discutimos em nossa sociedade lá já foram superados. E a afirmação do toxicologista Anthony Wong dá o recado final: *“Nós vamos ter uma geração daqui pra frente desmotivada, com grandes riscos psíquicos, com risco de dependência, e risco de infarto e de câncer do problema da maconha que já foi largamente difundido, se nós não controlarmos o seu uso”.*

Dessa forma, a temática econômica da liberação da maconha é apresentada como algo para além da realidade brasileira, por isso a construção estilística da matéria como um *fait divers*, algo que será inusitado durante um bom tempo para o telespectador brasileiro.

O debate político sobre a legalização da maconha

O avanço da maconha apresenta que a questão da legalização da erva abrange um debate político intenso, no qual diferentes atores da sociedade estão envolvidos. No quinto capítulo a narrativa assegura que a legalização no Uruguai esquentou o debate no Brasil com argumentações pró e contra a liberação da maconha no país.

O episódio da série ao falar sobre o aspecto político que envolve a discussão da liberação da erva, mostra cenas de repressão da polícia contra as primeiras marchas da maconha que começam em 2008, e até o ano 2011 eram violentamente tratadas como um crime. A primeira sonora da matéria é a entrevista Gabriela Moncau que declara: “*Não era nem a questão da legalização ou não, a gente estava sendo impedido de fazer o debate público, de fazer a manifestação*”. A reportagem ouve dois jovens responsáveis pelas manifestações que ganham voz e relatam que o importante é promover o debate público sobre a temática. Ambos são apresentados não a partir de suas profissões, mas a partir de seu ativismo, a legenda identifica-os como “organizador da marcha da maconha”.

Em seguida a reportagem ouve um traficante que narra como é organizada a venda na favela, e como o tráfico alimenta outros negócios escusos e a violência. As cenas que cobrem a fala do criminoso mostram, sem os identificar, pessoas preparando cigarro e fumando a droga, alternadas com imagens de prisões por tráfico de drogas. Essas sequências produzem o sentido de que essas atividades ainda ilícitas no Brasil.

Na sequência, a matéria apresenta o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso como o principal arauto político pela descriminalização da maconha. As imagens o enquadram em primeiro plano atrás de uma mesa, que funciona como uma espécie de bancada, deixando-o em uma posição de autoridade. O líder afirma: *Tem que quebrar o tabu e começar a explicar para não dá a impressão de que você está propagando o uso de droga. Descriminalizar não quer dizer legalizar, quer dizer o seguinte: o usuário não é criminoso. Tem de combater o contrabando, o bandido, aquele está usando aquele comércio ilegal.*

A reportagem dá destaque ao político que afirma que descriminalizar é diferente de legalizar. E essa parece ser a defesa do noticiário diante da sociedade brasileira. Em seguida a matéria faz referência aos projetos de lei que estão para votação na câmara e no senado

brasileiro. A primeira proposta apresentada é de iniciativa popular e pede a liberação da maconha no território brasileiro, o relator do projeto o senador Cristovam Buarque é ouvido e diz que antes de decidir é preciso primeiro responder perguntas relacionadas ao impacto da liberação. O político ouvido em sequência é o deputado federal Jean Willys cujo projeto visa regulamentar o acesso à droga, sua fala que compõe a matéria afirma: *O congresso não está preparado, mas ao mesmo tempo a gente não pode fugir do debate porque o congresso não está preparado*. Em seguida é matéria faz referência a proposta de lei que exige mais rigor contra usuários e traficantes, e o deputado federal Osmar Terra defende: *“quando um governo sinaliza que não tem problema aumenta o consumo. Então nós temos de reduzir a oferta de drogas para poder diminuir o número de dependentes químicos*.

A fala do deputado é enfatizada com o depoimento seguinte de um psiquiatra, Pablo Roig, dono de uma clínica de reabilitação que também alerta: *Medem as consequências do ponto de vista econômico e político, e não do ponto de vista do indivíduo. Nós trabalhamos com o indivíduo, é isso que nos preocupa justamente. Nós vemos o dano que a maconha provoca no indivíduo*.

O capítulo se encerra com o depoimento da organizadora da marcha Gabriela Moanau: *“Esse é um dos debates que a gente está tentando trazer, depois que a manifestação foi legalizada. Quer dizer, a gente vive sobre uma guerra, e vive todos os malefícios dessa guerra”*.

Toda essa narrativa é construída de forma a mostrar que essa problemática antes de ser decidida, precisa ser discutida na sociedade. A produção ouve autoridades médicas, políticos, pacientes de doenças crônicas, traficante, e ativistas a favor da liberação da droga no Brasil. O enquadramento dos entrevistados e o encadeamento de suas falas evidenciam o ponto de vista da produção: a questão medicinal urge diante das graves doenças, já a questão recreativa e a liberação das drogas ainda é um assunto que a sociedade brasileira precisa discutir e se preparar. A série não mostra quais os mecanismos oferecidos pelas propostas de lei a fim de tornar viável a liberação e/ou regulamentação da droga no país.

O desfoque do uso recreativo da erva e o distanciamento da liberação

Já no primeiro capítulo, a série apresenta um usuário de uso recreativo de maconha. Em seu depoimento ele narra o perigo que corre: *“Não me agrada contribuir com o tráfico de drogas. Esse ciclo eu tô fora, eu prefiro plantar minha maconha em casa, mesmo correndo o risco de ser preso.”* O enquadramento da câmera é um close-up da boca do entrevistado que fala contra a luz para não ser identificado, afinal esse é um ato ilícito.

O mesmo tratamento é dado para um jovem que confessa ter sido viciado em maconha. Esse depoimento é o gancho para que o *off* do repórter afirme que o número de 9% dos usuários da maconha serem viciados é “*suficientemente grave para desautorizar os que idolatram a erva e afirmam que ela não provoca dependência*”. E o jornalista recomenda: “*Na dúvida é melhor manter o seu filho bem longe dessa droga*”. E essa visão é reafirmada pelo psiquiatra Ronaldo Laranjeira que assevera que adolescentes que começaram o uso da maconha nessa faixa etária de desenvolvimento tiveram prejuízo da memória, da atenção, da concentração. A tela durante o depoimento do médico é dividida e cenas de jovens fumando são mostradas com desfoque novamente produzindo o sentido de que esse é um ato ilegal não salutar. Interessante que a mesma cena é utilizada no último capítulo, que mostra o exemplo do Uruguai e os rostos desses jovens são revelados. (figuras 8 e 9)

Figura 7: Especialista e usuários em desfoque



Figura 10: Jovens uruguaios sem desfoque



Uma possível justificativa para essa estratégia de identificar os jovens fumando maconha no Uruguai, mesmo no uso recreativo, se deve ao fato da grande diferença entre o Brasil e o país vizinho, perspectiva construída no último capítulo da série. Ao tratar do caso da liberação da erva no Uruguai a reportagem inicia com a seguinte informação: “*O Uruguai é um país bonito, organizado, tranquilo e muito seguro. Quase 100% dos uruguaios são alfabetizados, contam com luz elétrica e água tratada em casa. Com isso o país pode se dedicar a outros temas que agendas dos problemas acaba obscurecendo*”. Cenas em plano geral de parques, praias e praças com pessoas felizes cobrem a fala do repórter.

Esses dados apresentados sobre o Uruguai são contrários à realidade brasileira. Segundo o IBGE, no Brasil a taxa de analfabetismo ainda atinge cerca de 8% da população o que corresponde a 13 milhões de pessoas, cerca 50% não tem saneamento básico, e o país

está em 7º lugar no ranking de 100 países como maior número de homicídios, em 2012, 56.337 pessoas foram assassinadas. Assim, de acordo com a construção argumentativa da matéria, estaríamos longe de poder assumir a postura de nosso vizinho sul-americano.

Essa perspectiva de distanciamento em relação à realidade Uruguaia pode justificar o fato de o último episódio ter sido construído em cima da figura do presidente José Mujica. Dos seis minutos e vinte seis segundos de reportagem, mais de quatro se baseiam em curiosidades do estilo de vida do presidente uruguaio, constituindo um *fait divers* para a narrativa. A vida do líder sul-americano em sua chácara de 14 hectares divididos por quatro famílias, na periferia de *Monte Video*, o fusca como seu carro oficial e a vestimenta simples do político, são apresentados como fatos inusitados por se tratar do presidente da república, cenas que tem como BG música latina, que dita o ritmo das imagens. E termina a reportagem com uma visão otimista de Mujica: “*Se não fizermos a opinião pública enfrentar esse assunto, não vamos superar isso*”.

Essa parece ser a proposta do *Jornal da Band* com sua série sobre a maconha, fazer a opinião pública debater essa temática, principalmente do ponto de vista do uso medicinal da erva, uma vez que a liberação total aparece como uma realidade distante diante dos problemas que a sociedade brasileira ainda precisa enfrentar.

Considerações finais

A premiação da série *O avanço da maconha*, segundo o jornalista Fábio Pannunzio, se deve ao fato dessa ser uma investida quem envolve o jornalismo da emissora como um todo: “*O mérito é de ter envolvido a TV inteira para assumir o papel de protagonista no despertar dessa discussão*”.⁸ Dessa forma, o repórter reitera que a proposta da série foi levantar o debate público de uma forma diferenciada do que é tradicionalmente mostrado na grande mídia, por isso o papel de protagonista. E a possibilidade de tratar uma temática complexa como essa que envolve as questões das drogas com o objetivo de “despertar”, acordar a população para a urgência dessa problemática, se deve a aspectos do gênero série de reportagens. Que possibilita que reportagens especiais de duração de mais de 5 minutos sejam apresentadas diariamente fomentando a informação ao longo de uma semana.

O estilo televisivo evidenciou a perspectiva do telejornal. A narrativa da série revela que a preocupação que mais urge para o noticiário é questão do uso medicinal, e para tanto, a emissora se utilizou de recursos estilísticos para explicar as pesquisas sobre as substâncias

⁸ <http://tvuol.uol.com.br/video/duas-reportagens-da-band-ganham-o-premio-esso-de-jornalismo>, acessado em 20 de abril de 2015.

que curam, para sensibilizar o público diante das histórias de vida e ainda para reforçar as autoridades dos especialistas. Mas a série tem ressalvas diante do uso recreativo que são evidenciadas pelas falas dos especialistas que são encadeadas no final das matérias, como a voz final do assunto; pelas imagens desfocadas dos usuários que reforçam que essa é uma atividade ilícita; e pela construção dos exemplos de outros países com características de *fait divers*. Diante do avanço da maconha, a série evidencia que o debate brasileiro sobre essa temática também tem avançado. Um exemplo é garantia de liberdade de expressão, dada pelo Supremo Tribunal Federal, na ocasião da marcha para maconha. Outra são as conquistas que os estudos medicinais têm realizado. Mas a narrativa peca por distanciar a liberação da atual realidade brasileira, sem nem mesmo apresentar as possibilidades que os defensores dessa mudança no país apresentam.

Referências

- BECKER, Beatriz & BUSTAMANTE, Celeste González. The past and the future of Brazilian television news. In: **Journalism**, Vol. 10, p. 45-68, 2009.
- COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia do telejornalismo brasileiro**: a estrutura narrativa das notícias em TV. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.
- COUTINHO, Iluska. Séries de reportagem em televisão: Reflexão sobre um possível Telejornalismo interpretativo. In: **Intercom. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Natal, 2 a 6 de setembro de 2008. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0588-2.pdf>> acesso em 20 de julho de 2012-09-06
- FRANÇA, Vera A televisão porosa - Traços e tendências. In: FREIRE FILHO, João (Org). **A TV em transição**. Porto Alegre: Sulina, p.27-52, 2009.
- GILBERTO, Gil & FERREIRA, Juca. Apresentação; **Drogas e cultura**: novas perspectivas / Beatriz Caiuby Labate ... [et al.], (orgs.). Salvador: EDUFBA, 2008.
- GOMES, Itania. Metodologia de Análise do Telejornalismo. In: **Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo**. Salvador: UFBA, 2011.
- GOULART, Sandra L. **O tema das drogas e o Grupo Folha**: a Folha de São Paulo e o Agora São Paulo. São Paulo: Neip.info., 2011.
- GUTMANN, J. F. O que dizem os enquadramentos de câmera no telejornal? Um olhar sobre formas audiovisuais contemporâneas do jornalismo. **Brazilian Journalism Research** (Online), v. 8, p. 64-79, 2012
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 5 edição, 2009.
- ROCHA, Simone Maria; ALBUQUERQUE, Carolina Abreu e OLIVEIRA, Renata Carneiro de. Qual é a 'cara' da cultura brasileira apresentada pelo Jornal Nacional? O gênero televisivo como estratégia de enunciação. In: **Comunicação Midiática: instituições, valores e cultura**. Anais do 1º Colóquio em Comunicação e Sociabilidade, UFMG, 12-14 de novembro de 2008. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/cis/pdfs/grispop/ROCHA_simo-ne.pdf> acesso em 20 de julho de 2012.
- SIMÕES, J. A. Prefácio. **Drogas e cultura**: novas perspectivas / Beatriz Caiuby Labate ... [et al.], (orgs.). Salvador: EDUFBA, 2008.
- VIZEU, A. O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica. **Revista Famecos**. Porto Alegre, n.40, 2009
- VIZEU, Alfredo Eurico & CORREIO, João Carlos. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. In VIZEU, Alfredo(Org.). **A Sociedade do Telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- ZALUAR, Alba. **Integração perversa**: pobreza e tráfico de drogas. Rio de Janeiro: FGV, 2008.